

## Trabalhos Científicos

**Título:** Uso De Antipsicóticos Infantil - Impacto Em Dados Antropométricos E Metabólicos

**Autores:** Introdução: O uso de antipsicóticos em crianças e adolescentes tem aumentado globalmente, sendo essencial no manejo de condições psiquiátricas e neurológicas, mas com efeitos adversos importantes. Objetivos: Analisar a relação entre indicadores antropométricos e uso pediátrico de antipsicóticos. Metodologia: A busca foi realizada nas bases PubMed e BVS até setembro de 2025, sem restrição de idioma ou período. Foram utilizados descritores DeCS e MeSH relacionados a “Antipsychotic Agents” e “Pediatric Obesity”. Incluíram-se estudos originais, excluindo revisões narrativas e relatos de casos. A seleção foi feita por sete revisores independentes, sem divergência. O risco de viés foi analisado pela ferramenta ROBIS. Os resultados foram resumidos narrativamente, priorizando desfechos antropométricos. Resultados: Foram identificados 47 artigos, excluídas duplicatas e lidos 30 textos na íntegra. Por fim, 12 foram considerados. A maioria avaliou crianças e adolescentes em uso de antipsicóticos de segunda geração (ASG). Os principais desfechos foram índice de massa corporal (IMC), circunferência da cintura, razão cintura/altura e parâmetros metabólicos (perfil lipídico, glicemia de jejum, triglicerídeos, HDL e HOMA-IR). Usuários de ASG apresentaram maior prevalência de sobrepeso/obesidade ( $IMC > \text{percentil } 85$ ), aumento da circunferência abdominal e resistência insulínica. O ganho de peso  $>4\%$  no primeiro mês foi preditor de ganho ponderal, com sensibilidade de 100% e especificidade de 66%. A associação foi mais forte com olanzapina, quetiapina e risperidona, antidepressivos não mostraram relação significativa. Em adolescentes com transtornos mentais graves, 55,4% apresentaram sobrepeso ou obesidade, sendo o risco 4,3 vezes maior entre usuários de antipsicóticos. Baixo nível socioeconômico e tabagismo aumentaram o risco, enquanto estimulantes tiveram efeito protetor. Estudos genéticos apontaram que variantes podem modular a suscetibilidade ao ganho de peso, sugerindo futuro papel da medicina de precisão. Intervenções comportamentais (dieta, atividade física e terapia cognitivo-comportamental) reduziram modestamente o peso, mas apresentaram eficácia limitada. A certeza da evidência foi alta para associação entre ASG e ganho de peso, moderada para alterações lipídicas e resistência à insulina e baixa para intervenções comportamentais. Conclusão: O uso de ASG em crianças e adolescentes associa-se consistentemente a ganho ponderal, sobrepeso, obesidade e alterações metabólicas. O acompanhamento deve incluir avaliação antropométrica precoce, rastreamento laboratorial, estratégias multidisciplinares de prevenção e intervenções comportamentais. O reconhecimento precoce do ganho de peso previne complicações metabólicas e cardiovasculares.

**Resumo:** VÂNIA DE FÁTIMA TONETTO FERNANDES (CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO), ANA BEATRIZ ORMELEZE MACÃS (CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO), ANA LUÍSA ALBIT BRONZATO (CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO), GABRIELA BALBINO MURAD (CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO), GEOVANDA ALVES VASCONCELOS (CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO), GYMAIMA YASMIN JOÃO NEHME (CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO), ISABELLA PEREIRA HERRERA (CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO), LUISA MARIA LOSSO (CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO)